

E agora... vamos à matemática!

Helena Amaral

E um dia a professora decidiu romper o *ritual matemático*. Em vez de colocar os seus alunos a treinar individualmente os algoritmos, a fazer muitas reduções, propôs-lhe que formassem grupos, discutissem uns com os outros o que vinha no livro e apresentassem de seguida aos colegas as descobertas realizadas e os problemas encontrados — como afinal costumava fazer para o estudo da língua e para o estudo do meio...

O tema de trabalho daquele dia estava interessantíssimo. Depois da correcção do que tinha sido marcado no dia anterior para fazer em casa, um aluno tinha referido, na sequência do trabalho que tinha feito, a conversa com o avô sobre o tempo em que não havia electricidade. O avô contara-lhe coisas que o haviam entusiasmado e queria partilhá-las com os colegas. A conversa tinha ganho asas e falou-se de tudo um pouco, tendo-se passado para o texto da história que estavam a estudar.

No tempo em que a história se passara também não deveria haver electricidade. Reinventou-se a história assinalando os contratempos que tal facto ocasionaria e referindo as acções necessárias para que os personagens pudessem fazer a sua vida de noite. Estruturou-se um plano para investigar mais sobre os processos utilizados para se poder viver sem electricidade, partindo da referência a algumas das suas actuais utilizações no dia a dia. Além da iluminação, teríamos de saber como se conservavam os alimentos, como se ouvia música ou o que faziam as pessoas para se distrair nos tempos livres e para se manter informadas.

A propósito do texto estudaram-se algumas palavras menos conhecidas e iniciou-se um conjunto de listagens referentes à palavra electricidade, às máquinas que utilizamos e trabalham a electricidade, às acções que é possível realizar, programando para um futuro estudo a forma como se produz e como permite tão diversas utilizações.

"E agora... vamos à matemática!" acabou por dizer a professora, como que despertando de um outro mundo, já angustiada por ter atrasado alguns

dos exercícios que tinha pensado trabalhar. A matemática ficava sempre para trás! Tinha pensado, durante um certo tempo, começar sempre por ela, já que muitas vezes, a conversa se perdia por outros assuntos e não tinham tempo de trabalhar o seu programa.

Na sala ouviu-se um suspiro surdo e o restolhar de livros, papéis e lápis. Trabalhar matemática significava "puxar do livro", do lápis e da borracha e preencher aqueles espaços infintos inscritos na folha. Até que nem era difícil para alguns dos alunos. O livro tinha desenhos e palavras, lendo só metade e observando bem os desenhos, se a disposição fosse favorável, a resposta quase que surgia por magia. Para outros tudo aquilo constituía um jogo do adivinha, em que, com sorte se acertava no que "eles queriam". Se era matemática não havia que ler as palavras, mas perceber pelo aspecto geral quando é que aquela imagem já teria surgido e lembrar-se do que era necessário fazer em tais situações. Havia ainda alguns, cuja aflição era imensa. Até se lembravam de já ter visto aquilo em tempos, algures... mas e agora?...

Era fácil para a professora ler nas caritas estes sinais e a sua primeira vontade era dirigir-se aos "afritos" e de alguma forma interpretar com eles os caracteres estranhos inscritos no livro para que deixassem de ser tão estranhos. Decidiu que não o faria. Aquelas crianças já adivinhavam as suas intenções e ainda ficavam mais constrangidas só de pensar no esforço que teriam de fazer para não "espantar" e "desesperar" a professora com todos os disparates que já "sabiam" que diriam.

A sala mergulhou num silêncio

profundo, numa calma em que até os pensamentos se ouviam. A professora sabia que não era assim que gostaria de ensinar matemática. Já por várias vezes, a propósito de alguns assuntos, como as medidas, as áreas, a geometria tinha experimentado aulas muito diferentes. Tinham partido de actividades mais integrantes, como fazer um bolo, medir o papel de cenário para a pecinha do Natal, fazer e distribuir sumo, forrar o tampo de uma mesa, etc. Eram actividades que se faziam de quando em vez, em que se aprendia matemática, se falava das relações entre as coisas, se transcrevia para a linguagem vulgar os símbolos e as expressões. Mas não se podia passar o tempo com estas actividades.

Sempre ouvira que se não existisse o treino dos algoritmos, das "reduções".... os alunos não ficavam bem preparados.

Na verdade não conhecia actividades suficientes, nem se sentia capaz de estruturar todo o programa a partir de actividades deste tipo. Se calhar, só de vez em quando e apenas alguns assuntos da matemática poderiam ser explorados a partir de projectos que também apelassem a saberes das restantes áreas e se tornassem interessantes para os alunos, passíveis de serem traduzidos na sua linguagem de todos os dias e por isso mesmo bem apreendidos. Sempre se deu conta de que as matérias exploradas a partir dessas actividades interessantes tinham sido aprendidas e nunca mais deixaram de ser relacionadas nas situações mais diversas.

O silêncio da sala já estava a ficar muito pesado. Se não fizesse algo adormecia com certeza. Mas, que se esperava que fizesse? Que atormentrasse os mais fracos com perguntas e mais perguntas, e lhes demonstrasse ainda mais a sua inépcia para a matemática? (E isso existiria?)

Agora se dava conta de que, realmente, o tipo de trabalho que os alunos realizavam neste momento, provocava as maiores competições dentro da sala. Era esperado que cada um individualmente (ou lançando o "canto



do olho" para o vizinho) cumprisse a sua tarefa. No final a professora corrigia, chamava a atenção para algumas coisas, mandava emendar, ironizava sobre os disparates crassos, que quando falados em voz alta por ela se descobriam como autênticos absurdos, mas que sob os olhitos aflitos nem se vislumbravam. Os heróis (sempre os mesmos) receberiam o livro das mãos da professora cheio de "certos a vermelho" demonstrando o seu triunfo sobre a ignorância. Seguir-se-ia uma exploração das falhas maiores, no quadro, sorrindo os triunfadores e oferecendo-se para fazer, e tremendo os restantes, se bem que alguns, desde que o livro fosse traduzido em voz alta, até achassem que tudo era fácil.

...Era isso! Hoje decididamente não se ia chegar a este ritual. Interrompendo o silêncio, a professora resolveu fazer uma proposta para grande espanto de todos, pois já há três anos que andavam na escola e as professoras sempre tinham cumprido o ritual até ao fim... Por momentos houve algum desânimo dos heróis que estavam quase a acabar, outros respiraram de alívio, outros...

A professora fixara-se naquele pensamento: "falado em voz alta, tudo se tornava mais fácil" e resolveu propor aos alunos que se reunissem

em grupos com os colegas que se encontravam mais próximos e falassem, em voz baixa, uns para os outros os exercícios propostos no livro. No final cada grupo teria de expor aos restantes as descobertas realizadas e os problemas encontrados, de forma semelhante, aliás, com o que se costumava fazer em outras actividades de língua portuguesa ou estudo do meio. Era uma experiência que iam fazer dali para o futuro, e como em relação a outras actividades, haveria de se marcar um dia para falar sobre ela.

Seguiu-se o barulhinho natural da busca de uma nova organização e todos começaram a discutir acaloradamente. "Não vês que..." ouvia-se repetidamente, até que todos deram o trabalho por concluído e se procedeu à discussão. Para grande espanto, aquele conjunto de números, expressões, sinais e espaços que preenchia a folha do livro também tinha qualquer coisa a ver com a electricidade, já nem sei bem como... mas reestruturou-se o plano anteriormente traçado acrescentando mais umas pesquisas que tínhamos de fazer agora incluindo também a matemática.

Helena Maria Amaral
Escola nº 2 de Vialonga,
Forte da Casa